

## História

# Forte do mar

*São Marcelo foi relegado ao esquecimento desde que bombardeou Salvador*

Haroldo Abrantes

|               |                                              |       |
|---------------|----------------------------------------------|-------|
| PMS           | FM                                           | OUTRO |
| BIBLIC        |                                              |       |
| Jornal        | Correio da Bahia                             |       |
| Data          | 27/07/03                                     |       |
| Classificação | Repórter                                     | 8     |
| Assunto       | História<br>São Marcelo<br>Instituição/forte |       |



**Na Baía de  
Todos os  
Santos, o  
velho forte do  
mar  
sobrevive às  
intempéries  
da sua  
trajetória de  
esquecimento**

**Silvia Maria Nascimento**

O aviso foi dado de forma lacônica, espalhado em alguns pontos das cercanias do Palácio do Governo, colado nas paredes. Pouco antes, o comandante da região militar já dera o ultimato ao governador: ou as tropas da milícia palaciana desocupavam a Câmara de Deputados, obedecendo à ordem federal, ou a tomada da Casa se daria com o uso da força. Já havia dado o meio-dia após uma turbulenta manhã naquele 10 de janeiro de 1912. Uma hora após o aviso — meia hora depois de afixados os boletins informativos à população, segundo jornais da época — foi detonado o primeiro tiro de canhão: pólvora seca. O forte que, até então, apenas enfeitava a Baía de Todos os Santos e marcava a hora de acordar e se recolher, saudando os visitantes e as manifestações religiosas, avisando o surgimento de incêndios e outras emergências, estava prestes a atacar o seu povo. O segundo tiro veio em seguida, prenunciando o bombardeio. Pela segunda vez em sua existência de mais de quatro séculos, a cidade do Salvador era bombardeada por suas próprias fortalezas. O Forte do Mar atacava a sua cidade e causava estragos e mortes. Não é preciso recordar que instaurou-se o pânico entre os desavisados que residiam ou trabalhavam nas proximidades do palácio e da Câmara. Recolhido no Palacete das Mercês (que hoje já não existe mais), longe do fogo cruzado entre o São Marcelo, o Forte do Barbalho e o Forte de São Pedro, o governador resistia.

O São Marcelo atacava o Palácio do Governo (o alvo mais visado), a Câmara de Deputados e o Teatro São João. Atingiu as torres do Paço Municipal e algumas casas das ruas Direita e Pau da Bandeira (a Rua Chile de hoje). Dele partiu a primeira bala incendiária, atingindo o Palácio do Governo (o hoje Palácio Rio Branco) onde, no andar térreo, funcionava a biblioteca pública, fundada pelo Conde dos Arcos e que comemorara seu primeiro centenário em 13 de maio de 1911. Perderam-se 30 mil volumes, obras raríssimas e documentos importantes. Vianna resistia. No canhoneio cruzado sobre a cidade, balas voavam do São Marcelo, passavam acima do alvo e iam parar em pontos remotos. Até hoje não se tem notícia da extensão dos estragos. Parte da população, inclusive os representantes de países estrangeiros, sabidamente atenta aos boatos que circulavam pela capital, já havia fechado lojas, deixado suas casas, mas, ainda assim, morreram 49 pessoas entre soldados e civis, e outras dezenas ficaram feridas. Somente após o incêndio estar se alastrando por todo o primeiro andar do palácio que o governador depôs as “armas”. Avisou ao comandante militar a sua renúncia, J.J. Seabra pôde finalmente assumir o poder em seu primeiro mandato como governador da Bahia, após indicação do presidente Hermes da Fonseca, eleito sob suspeitas de fraude, e ratificação do seu nome pela Câmara estadual devidamente devolvida aos deputados, convocada em sessão extraordinária no dia 28 de janeiro do mesmo ano.

Os acontecimentos de 10 de janeiro representaram o ponto culminante de uma disputa de poder que envolveu de um lado o então ministro da Viação do governo Hermes da Fonseca, José Joaquim Seabra, e o conselheiro Luiz Viana, e do outro o governador em exercício da Bahia, Aurélio Vianna — que assumiu o posto após a renúncia de Araújo Pinho. Pinho teve um governo turbulento entre 28 de maio de 1908 e 22 de dezembro de 1911 que o levou à renúncia. Seu substituto legal, o presidente da Câmara Aurélio Vianna, conta com nada mais nada menos do que a oposição da maioria de seus pares. Os deputados não aceitaram que Vianna assumisse o Executivo.

Como saldo, no meio do tiroteio, saiu definitivamente arranhado o Forte de São Marcelo. Ficou mal visto entre a população, assim como o governo que assumira o poder. Aos poucos, o forte foi sendo desativado. Canhões e peças históricas sumiram. Sua função de marcar a hora da cidade foi substituída pelo novo monumento da capital — o Relógio de São Pedro, mandado buscar na Itália pelo governador Seabra em seu segundo mandato, quando rasgou no centro da cidade a Avenida Sete, às custas da derrubada de outro monumento, a Igreja de São Pedro. O esquecimento do forte redundaria no esquecimento da batalha de 10 de janeiro, em que foi sacrificada a população civil.

## Primeiro ataque

O primeiro ataque do Forte de São Marcelo a Salvador aconteceu em 1833. Era o mês de abril. Estavam presos no forte os envolvidos nas rebeliões federalistas dos dois anos anteriores — como Domingos Guedes Cabral e Bernardo Guanaes Mineiro. Oitenta dos insurretos da Federação dos Guanais, movimento subversivo ininterrupto em São Félix e Cachoeira, foram recolhidos nas úmidas e escuras prisões do velho castelo, conta Silva Campos. Também estavam lá presos políticos como o “homem de todas as revoluções”, o agitador das massas Cipriano Barata e João Primo. Na cidade, desde o início daquele ano, corriam boatos de uma nova rebelião. Nada, no entanto, que fizesse as autoridades entrarem em alerta. No dia 26 de abril, os rebeldes finalmente tomaram o forte, prenderam e maltrataram seu comandante, o capitão Francisco Teles Carvalhal Mendes de Vasconcelos, e entregaram o comando ao tenente Daniel Gomes de Freitas. Capturaram embarcações que abasteceriam o recôncavo e abasteceram suas próprias dispensas, hasteando a bandeira branca e azul, proclamando a federação direta do mar da Bahia para as autoridades em terra através de um ofício.

O fogo começou no dia 28 como resposta dos legalistas, que exigiram dos rebeldes a deposição das armas, hasteamento da bandeira do Império e a abertura dos portões. Os rebeldes voltaram suas baterias para Salvador, desesperando as autoridades, provocando pânico na população e estragos em três casas na Rua Direita do Palácio (hoje Rua Chile) na Rua do Pau da Bandeira e na fachada prin-

cipal da Igreja da Sé (que por ironia, sobrevivendo a este ataque, um século depois, nos anos 30 do século XX, seria atropelada pelos trilhos dos bondes da Companhia Circular). Duas pessoas morreram e a federação proclamada de um velho forte do mar da Baía de Todos os Santos acabou na manhã de 29 de abril. Em 1837 nova reação federalista, com a Sabinada, aconteceu em terras da Bahia e mais uma vez o São Marcelo foi testemunha da história. Silva Campos conta que o Forte do Mar aderiu à Sabinada desde o início. E foi o último a enfrentar a resistência do governo imperial, sucumbindo em 16 de março de 1838. O líder da revolta, Sabino Vieira, e cerca de 300 dos seus partidários foram encarcerados no próprio forte. O líder farroupilha Bento Gonçalves foi hóspede forçado em 1835 e de lá, conta a história, fugiu sensacionalmente a nado com a ajuda da maçonaria. Foi prisão coletiva dos culpados da insurreição dos Malês em janeiro de 1835.

Hoje, dois séculos depois, o Forte de São Marcelo tem apenas um morador: o cachorro Branco. Uma mistura de pitbull com rottweiler, segundo afirma, enfático, o seu dono, José Aureliano, o José de Patu. Até um ano atrás, José de Patu morava nas instalações do forte. Chegou ali no dia 29 de março de 1996 levado pelo cantor e compositor Gerônimo e mais um grupo que totalizava 30 pessoas, num acontecimento que o artista definiu como uma invasão cívica. A proposta era chamar a atenção das autoridades para o abandono do forte. Artistas e artesãos, entre os quais José, passaram três meses ocupando as celas e salas. Não demorou muito e vieram os desentendimentos. Aos poucos, todos foram deixando o forte. Até o idealizador da empreitada, Gerônimo. Somente José de Patu resistiu, passando a ser dono absoluto do São Marcelo até que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), tomando conhecimento da sua presença, resolveu contratá-lo, segundo ele próprio conta. Seu salário hoje é R\$333. Há um ano se casou e passou a ocupar o forte apenas de segunda a sexta-feira, permanecendo nos fins-de-semana com a família, no IAPI. Conduz os visitantes pelas dependências históricas e diz sem pudor que a cidade deveria pagar a ele por estar cuidando do seu patrimônio. “Todo mundo que passasse aqui até de barco deveria jogar umas notas de R\$50 para mim”, afirma. Afinal é ele quem impede os invasores de tomarem conta de novo do lugar. Pelo menos ele mantém o forte limpo, consola-se o coronel Leite, da Associação Brasileira dos Amigos das Fortificações Militares e Sítios Históricos (Abraf), que não faz oposição mas também não aprova a ocupação do forte. Patu detém a chave da porta principal, que já não é a original. Foi colocada lá na restauração de 1980/81. A porta anterior, que também, segundo ele, não era a original, está virando uma das esculturas do artista: um misto de abstracionismo com a silhueta do São Marcelo. O certo é que Patu permanece como guardião do velho forte do mar.

➔ Continua na página seguinte